

MÉTODO MARXISTA E QUESTÃO AGRÁRIA NA FORMAÇÃO SOCIAL RUSSA: LENIN E O DESENVOLVIMENTO DESIGUAL DO CAPITALISMO NA RÚSSIA

Arthur Salomão¹

Recebido em: 25/11/2024
Aprovado em: 26/12/2024

Resenha do livro: LÊNIN, Vladímir Ilitch. **O desenvolvimento do capitalismo na Rússia**: o processo de formação do mercado interno para a grande indústria. São Paulo: Boitempo, 2024.

Os clássicos costumam ser descritos como obras atemporais, inovadoras e inspiradoras para trabalhos futuros. Seguindo à risca o conteúdo dessa definição, não poderemos hesitar em dizer que *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*, do renomado marxista russo Vladimir Ilyich Ulianov, amplamente conhecido como camarada Lenin, configura-se como um clássico das ciências sociais e da literatura marxista. Em plena efeméride do centenário de falecimento do líder soviético, a Boitempo Editorial anunciou a publicação dessa obra de grande envergadura como sétimo volume da coleção *Arsenal Lenin*, uma iniciativa editorial de inestimável valor, voltada para o resgate dos escritos daquele que pode ser considerado um dos maiores revolucionários marxistas e um notável teórico da política.

Resultado de uma extensa pesquisa realizada por um ainda jovem Vladimir, o livro foi escrito num intervalo de aproximadamente três anos, entre 1896 e 1899, período em que esteve encarcerado em São Petersburgo e, posteriormente, exilado na Sibéria. Duas características socioeconômicas singularizavam a Rússia daquele período. A primeira está relacionada ao fato de que o país foi o último do continente europeu a abolir a servidão, reforçando a corveia no que Engels denominou como “segunda servidão” (SKAZKINE, 2013). Foi apenas em 1861 que, durante o reinado de Alexandre II, uma reforma liberal aboliu a servidão e liquidou a dependência servil e as formas de coerção extraeconômica que pesavam sobre os camponeses, transformando-os em cidadãos formalmente livres. A segunda

¹ Doutorando e Mestre em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), com bolsa pela Capes. Orcid: <https://orcid.org/0009-0007-2732-0003>. E-mail: amsalomao@outlook.com.

característica era a presença de comunas rurais, conhecidas como *mir*, cuja propriedade da terra era compartilhada entre seus membros. Sua distribuição era feita conforme alguns critérios supostamente igualitários, embora na prática existisse certa hierarquia entre os camponeses (SILVA, 2012).

A obra traz como tema o ritmo de reprodução das relações capitalistas na agricultura russa durante o processo de transição de uma sociedade marcadamente agrária, com traços feudais, para outra em que o complexo urbano-industrial dinamiza o capitalismo. Nesse quadro de transformações, Lenin também procura explicar as repercussões desse processo no âmbito da luta de classes. Em uma demonstração clara de união entre teoria e ação, entre prática científica e prática política, a obra constitui uma crítica teórica e política, ácida e destrutiva, dirigida contra os limites da reforma de 1861 e contra o populismo russo (*narodnik*). Representa, portanto, uma articulação sofisticada entre uma investigação científica e marxista – fundamentada teoricamente e embasada empiricamente – sobre a formação social russa pós-reforma e uma avaliação minuciosa do projeto político defendido pelos populistas. Em síntese, mobilizando o método da economia política, Lenin toma por objeto de investigação histórica a realidade concreta da Rússia pós-reforma a fim de fundamentar sua crítica às propostas dos populistas.

Os populistas eram um grupo de intelectuais que, deslocando-se para o espaço rural, atuavam na defesa dos pequenos produtores agrícolas por presumirem que as comunas rurais possibilitariam que a Rússia realizasse um salto histórico direto para um socialismo agrário, sem a necessidade de passar pela etapa capitalista. Presos a uma problemática romântica da vida camponesa, de um lado, rejeitavam enfaticamente a viabilidade do capitalismo no país, diagnosticando-o como um retrocesso, e, de outro lado, exaltavam a pequena produção mercantil, especificamente o *mir*, por conter aquilo que julgavam ser a semente do socialismo russo. No coração desse debate estava o problema do mercado interno: segundo os economistas populistas, a autossuficiência do campesinato russo impediria a formação de um mercado interno e, consequentemente, o desenvolvimento do capitalismo, de tal forma que os produtos industriais russos teriam o mercado externo como destino.

Em objeção ao diagnóstico populista, Lenin argumentou, com domínio completo das teorias de Marx e uso extensivo e rigoroso de dados estatísticos, que o capitalismo não apenas era viável em solo russo como estava em plena emergência. Eram as lentes da problemática ideológica dos populistas que não os permitiam ver a realidade capitalista entranhando no setor agrícola. Sem deixar de considerar as contradições do capitalismo, Lenin mostra como o aumento das forças produtivas e a socialização do trabalho desembocaram em uma

progressiva melhora na qualidade de vida dos trabalhadores e um enfraquecimento da velha família patriarcal e dos laços de dependência pessoal. Além disso, contra a compreensão idílica dos populistas sobre o campesinato, Lenin contestou o suposto papel revolucionário atribuído ao *mir*, agora utilizado como forma de explorar ainda mais os camponeses, e evidenciou a formação de uma classe de trabalhadores assalariados que poderiam protagonizar um processo revolucionário. Assim, em síntese, Lenin aponta que os equívocos do programa político *narodnik* provinham tanto da interpretação incorreta do desenvolvimento do capitalismo russo quanto de uma idealização da ordem pré-capitalista.

A obra é composta por oito capítulos, organizados da seguinte forma: o primeiro capítulo é dedicado à apresentação do problema e dos marcos teóricos que orientam a análise (Capítulo I). Os dois capítulos seguintes, repletos de dados estatísticos, fornecem uma análise detalhada da economia agrária russa, com ênfase na descrição da situação do campesinato, da pequena produção agrícola e da propriedade fundiária (Capítulos II e III). O quarto capítulo examina a mercantilização das atividades agrícolas e a penetração do capitalismo no campo (Capítulo IV). Os três capítulos subsequentes, também baseados em uma vasta quantidade de dados estatísticos, concentram-se nos estágios de desenvolvimento da indústria na Rússia pós-reforma, analisando a separação definitiva entre indústria e agricultura (Capítulos V, VI e VII). Por fim, o último capítulo apresenta as conclusões do estudo retomando as perguntas iniciais, revisitando o problema do mercado interno abordado na introdução e sintetizando os principais argumentos contidos na obra (Capítulo VIII). Feito o panorama geral da obra, sua contextualização e a exposição de sua estrutura textual, vejamos mais detalhadamente o conteúdo dos capítulos.

O primeiro capítulo, intitulado “Os erros teóricos dos economistas populistas”, aborda o processo de formação de um mercado interno como resultado do desenvolvimento do capitalismo. Com uma abordagem ainda estritamente teórica e em elevado grau de abstração, Lenin sustenta que a questão do mercado interno está intrinsecamente vinculada ao nível de desenvolvimento do capitalismo, pois é justamente o capitalismo que cria o mercado interno, aprofunda a divisão social do trabalho, expropria os meios de produção do produtor direto e desvia a população agrícola para a indústria manufatureira. Ainda que restrito à análise da produção, o objetivo de Lenin é nos apresentar uma ideia de como a economia nacional e seu desenvolvimento capitalista devem ser compreendidos em sua totalidade por meio do método da economia política. Caso contrário, como fizeram os economistas populistas em suas análises simplistas, o mercado interno paira no ar.

O capítulo seguinte consiste em um exaustivo estudo empírico sobre a economia rural camponesa e a formação de distintas camadas do campesinato russo. Mais do que uma mera desigualdade de bens entre os camponeses, Lenin examina a desintegração do antigo campesinato e sua substituição por novas classes sociais do campo cujos interesses são distintos: a) um grupo superior, composto por pequenos patrões abastados que empregam um número considerável de assalariados, denominados burguesia rural; b) o campesinato médio, no qual se situam os patrões mais pobres cuja fonte de sobrevivência é a agricultura independente de pequena escala; c) o proletariado rural, ou trabalhadores assalariados que dependem da venda de sua força de trabalho para subsistir. Contrariando a tese de um campesinato homogêneo, anticapitalista e protegido por um regime especial na aldeia “comunal”, somos convencidos de que os camponeses, no interior de um processo radical de “descamponização”, encontram-se plenamente subordinados às contradições do mercado em um regime tipicamente pequeno-burguês.

Deste capítulo, convém destacar dois aspectos da abordagem leninista: a complexidade da penetração do capitalismo na agricultura e o fracionamento das classes sociais no campo. Em primeiro lugar, o marxista russo nos mostra de maneira detalhada que, embora a tendência do capitalismo seja a formação de uma força de trabalho composta por trabalhadores livres e desprovidos de terras, seu desenvolvimento no meio rural ocorre de maneira lenta e heterogênea, englobando múltiplas formas que escapam a esquemas interpretativos mecânicos e economicistas. Em segundo lugar, as reformas econômicas, a decomposição do campesinato e a forma de desenvolvimento do capitalismo na agricultura dão origem a uma multiplicidade de inserções na estrutura produtiva cujo resultado é a emergência de uma estrutura de classes mais multifacetada do que o marxismo ortodoxo concebe. Em certa medida, o fracionamento do campesinato efetuado por Lenin contribuirá, mais adiante, para a formulação da estratégia de aliança operário-camponesa, isto é, entre proletariado urbano e rural.

O terceiro capítulo carrega uma leitura original sobre a transição gradual e contraditória que ocorreu após a reforma de 1861, marcada pela passagem de uma economia servil baseada na corveia para uma economia capitalista na qual a introdução da maquinaria e a expropriação do campesinato estão indissoluvelmente interligadas à emergência do trabalho livre e assalariado no campo. Durante esse momento de transição, a forma de organização econômica consiste em uma combinação diversa e singular dos principais traços dos sistemas de corveia com o sistema capitalista. Assim, Lenin escapa do esquematismo dos países “maduros” ou “atrasados”, utilizando a ideia de desenvolvimento desigual, e evidencia como

as formações sociais particulares carregam contradições profundas, implicando em uma articulação complexa de diferentes elementos de modos de produção em tempo e espaço determinados.

Após examinar a economia da produção camponesa e do latifúndio, os temas tratados por Lenin no quarto capítulo são a mercantilização da agricultura e a emergência de um mercado interno. Novamente dispondo de abundante material empírico, o marxista russo aponta o crescimento das trocas entre as regiões agrícolas, a transformação da terra em mercadoria, o aumento da demanda da população rural por produtos industriais e meios de produção, bem como a absorção da força de trabalho. Dessa maneira, o capitalismo rompe com a agricultura estamental e seus laços de dependência pessoal, cria a grande produção agrícola, induz a cooperação entre os trabalhadores e, por fim, impulsiona o desenvolvimento das forças produtivas. Embora ciente das contradições e dos aspectos negativos do modo de produção capitalista, Lenin não incorre no erro dos populistas que, apenas lamentando a destruição capitalista, deixam de reconhecer o significado progressista dos avanços históricos promovidos pelo capitalismo no movimento da história.

Os três capítulos que se seguem estão interligados e devem ser compreendidos como parte de uma mesma seção da obra. Neles, Lenin se dedica a mapear as fases progressivas de emergência, desenvolvimento e consolidação das atividades industriais no período pós-reforma, isto é, os três estágios do desenvolvimento industrial russo: pequena produção mercantil, manufatura e fábrica. De forma perspicaz e crítica, o revolucionário soviético nos indica a tendência fundamental de evolução da pequena produção comercial para a grande indústria mecanizada, bem como as diferentes modalidades de técnicas associadas a cada uma das etapas. Um dos pontos altos desta seção é o criativo procedimento de distribuição da população russa baseado em sua posição na estrutura produtiva. Embora apresente limitações evidentes nas estimativas e na passagem da posição na estrutura produtiva para uma definitiva situação de classe, sua valiosa operação combate avaliações simplistas de uma estrutura bipolar de classe.

O quinto capítulo consiste numa discussão primorosa do primeiro estágio da indústria capitalista russa, ainda sob a forma artesanal, domiciliar e de pequena escala, tipicamente pequeno-burguesa, surgida a partir do deslocamento do capital comercial. Nessa primeira fase de pequenos estabelecimentos movidos pela produção manual, embora a indústria e a agricultura comecem a se separar, o industrial e o agricultor são, na maioria dos casos, indistintos. No sexto capítulo, Lenin avança para o estágio intermediário, destacando o papel crucial da manufatura como elo de transição entre o artesanato e a grande indústria

mecanizada. Da primeira forma, a manufatura conserva a técnica manual, embora neste estágio o industrial típico se transforme em “mestre-artesão”. Em relação à grande indústria, a manufatura marca o início de uma separação acentuada entre a agricultura e a indústria, além de registrar um incremento significativo de trabalhadores assalariados, introduzindo a cisão entre uma massa da população que vende sua força de trabalho e uma pequena minoria de detentores do capital. No sétimo capítulo, Lenin encerra a discussão sobre a evolução da indústria russa com uma análise cuidadosa da etapa superior de desenvolvimento industrial, isto é, a grande indústria mecanizada, na qual se efetiva uma completa revolução técnica que subverte a arte manual com o emprego de um sistema racional de máquinas para a produção.

O último capítulo pode ser considerado a conclusão de uma obra repleta de ideias estimulantes e notáveis. É neste capítulo que Lenin recupera a decomposição do campesinato, a existência de uma produção orientada para o mercado e a transformação do capital comercial em industrial para defender a tese fundamental do livro: o capitalismo não apenas é viável em solo russo, como já estava penetrando no campo. O abundante volume de dados expostos busca evidenciar a manifestação simultânea de dois processos que indicam a emergência de relações capitalistas na Rússia pós-reforma: a) o desenvolvimento do capitalismo em profundidade, isto é, o crescimento da agricultura capitalista e da indústria num território específico; e b) o desenvolvimento do capitalismo em amplitude, ou seja, o alargamento do domínio capitalista sobre novos territórios e a formação de novas relações capitalistas. Em termos sintéticos: transformação das relações de produção existentes e colonização interna de áreas desocupadas.

Os desenvolvimentos em profundidade e em amplitude, vitorizados pela mobilidade da população agrícola para os polos industriais, pelo deslocamento para os polos agrícolas não povoados, pelo aumento do número de habitantes das cidades, vilas e aldeias comerciais-industriais, indicam um crescente assalariamento da força de trabalho. Foi por resultado desse conjunto de fatores, bem como da formação do antagonismo de classe entre empresários e trabalhadores assalariados, que se constituiu um mercado interno. A análise mecanicista dos populistas a respeito do mercado interno ressoa, assim, como uma tese de “duas Rússias”: um polo arcaico e agrário que revela a verdadeira essência da nação e outro polo moderno e industrial que, mesmo restrito a uma parcela pequena dos trabalhadores da grande indústria, destrói os valores naturais do povo russo. Na contramão da problemática ideológica dos populistas, Lenin recolocou o problema do mercado interno em um terreno científico e ajustou os termos utilizados para efetivamente compreender o objeto de um determinado e real processo histórico.

O leque de temáticas tratadas na obra é admiravelmente amplo, no entanto, gostaríamos de concluir esta resenha enfatizando dois eixos que parecem nuclear as principais contribuições desta obra ao desenvolvimento do materialismo histórico. O primeiro eixo é a questão agrária. Após realizar uma radiografia profunda da estrutura agrária que sustenta a propriedade fundiária e o trabalho no campo, Lenin enfrenta o problema da inserção do campesinato na estrutura de classes e de sua ação política, lançando mão de uma operação de fracionamento das classes sociais do campo. Esse exercício extremamente profícuo revela que o campesinato não constitui um todo homogêneo e que a reconfiguração das classes daquele período, resultado do desenvolvimento do capitalismo, introduziu novos atores na cena política russa. Além disso, chama atenção o aporte teórico que Lenin retira de Marx para analisar as implicações da colonização interna na formação social russa, onde o capitalismo procurou continuamente terras desocupadas para ampliar seu domínio.

A riqueza de ideias e conceitos sobre o campo faz desta obra uma das contribuições marxistas mais significativas sobre a questão agrária. Não é preciso construir uma extensa exposição para defender a utilidade dessa obra para os pesquisadores dedicados ao estudo do espaço rural brasileiro, um tema recorrentemente atual. Infelizmente, mesmo num contexto de consolidação do poder político, econômico e ideológico do grande e heterogêneo complexo do agronegócio, que atualiza o sentido da nossa colonização, ainda são escassas as pesquisas materialistas que analisam os significados da concentração de terras e as classes presentes no campo brasileiro.

O segundo eixo pode ser sintetizado como “questão do método” e abrange duas faces de uma mesma moeda: tanto uma discussão procedural do método científico em ação quanto outra de natureza epistemológica. Temos em mãos, indubitavelmente, uma obra concebida para ser compreendida, longe de um materialismo contraditoriamente metafísico e com didatismo na exposição das ideias. O rigor científico aliado ao vultuoso levantamento de dados estatísticos oficiais – que demandam tanto o devido tratamento dos dados propriamente úteis quanto certas retificações conceituais – exibem um trabalho metodológico de robustez. Por essa razão, a obra serve de modelo exemplar para os pesquisadores marxistas preocupados com um método efetivamente materialista, avesso ao dogmatismo e com a seriedade necessária ao fazer científico.

Entretanto, o método científico só adquire sentido pleno quando fundamentado por uma compreensão mais ampla das formas de aplicá-lo. Já nos prefácios, Lenin nos presenteia com uma reflexão formidável sobre a maneira mais precisa de definir um problema de pesquisa e delimitar um objeto de observação. O marxista russo expõe a necessidade de

considerar o particular como uma síntese da totalidade, em uma operação intelectual que, em busca do conhecimento do real, percorre o caminho do geral e abstrato ao concreto e singular. Em uma crítica que pode ser estendida à especialização ingênuas das ciências sociais, Lenin expressa como o concreto é a síntese de múltiplas determinações, onde se articulam inúmeras contradições, e constitui a unidade do diverso. Por efeito, devendo ser tomada como resultado e não como ponto de partida efetivo, a parte específica – o mercado interno – precisa ser enquadrada num todo estruturado – o desenvolvimento do capitalismo na Rússia –, pois a formação social russa se constitui como um todo integrado e complexo moldado por inúmeras contradições.

Por tudo exposto, parece-nos plausível afirmar que, se *O capital* representa uma análise abstrata e geral dos mecanismos estruturais do modo de produção capitalista e da reprodução de suas relações sociais, *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia* nos oferece uma análise concreta da situação concreta da formação social russa durante o período de emergência do capitalismo. Ao transitar com maestria entre, de um lado, as formulações abstratas sobre o modo de produção capitalista e suas classes, para, de outro lado, uma conjuntura concreta na qual se materializam a luta de classes e as contradições de determinada formação social, Lenin nos brinda com este clássico incontornável do marxismo.

Referências bibliográficas

SILVA, Ligia Osorio. Lenin: a questão agrária na Rússia. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v. 19, n. 35, p. 111–129, 2012.

SKAZKINE, Sergey. Problemas fundamentais da “segunda servidão” na Europa Central e Oriental. **Crítica Marxista**, Campinas, SP, v. 20, n. 36, p. 63–92, 2013.